

# MORDOMIA AMBIENTAL NA UniEVANGÉLICA: PELAS TRILHAS INTERPRETATIVAS E A RELIGIOSIDADE NUMA PAISAGEM ECOLÓGICA

Allan Valle Toledo da Silveira <sup>2</sup>  
Cristiane Gonçalves Moraes <sup>1</sup>  
Josana de Castro Peixoto <sup>2</sup>  
Leandro Nascimento da Silva Rodrigues <sup>2</sup>  
Maria Fernandes Gomide Dutra e Silva <sup>1</sup>  
Maria Gonçalves da Silva Barbalho <sup>2</sup>  
Marcos Francisco Novaes Valentino <sup>1</sup>  
Renata Silva do Prado <sup>2</sup>  
Ricardo Elias do Vale Lima <sup>1</sup>  
Vivian da Silva Braz <sup>2</sup>

## RESUMO

O entendimento sobre confessionalidade é referente às atitudes que pessoas assumem em relação ao transcendente. É a atitude de resposta do homem que professa sua fé. O ser humano, por razões de fé, se orienta e professa sua crença apoiado em dogmas e doutrinas religiosas. As escolas confessionais exerceram historicamente uma grande influência na educação brasileira. As instituições confessionais tiveram atuação histórica na educação brasileira desde a colonização até a criação da universidade brasileira. Nesta perspectiva, entender a missão da universidade confessional é de suma importância e permite que temáticas voltadas à mordomia ambiental sejam desenvolvidas na UniEVANGÉLICA, visto que a re(ligação) do homem com a criação e com o próprio Criador deve ser discutida, contribuindo para a reflexão sobre a formação de uma nova consciência ecológica no âmbito da universidade, da comunidade local. O objetivo deste relato é descrever as práticas DE Educação ambiental desenvolvidas na Trilha Ecológica Interpretativa do Tucano (TEIT) da UniEVANGÉLICA, Anápolis, Goiás. A partir da observação participante e ativa, bem como rodas de conversas com escolares e participantes em atividades de sensibilização e educação ambiental (Figura 1), no campo empírico, acompanhamos os indivíduos e grupos que frequentaram a Trilha Ecológica, observando as múltiplas formas pelas quais estes associam a ecologia à religiosidade. As possibilidades de, a partir destas práticas, construir novos valores que sejam capazes de recriar as relações sociais em novas bases, desenvolvendo o estímulo à sensibilidade e às vivências emocionais, a abertura à alteridade, a diversidade e a valorização de outros saberes complementares ao saber científico, uma vez que estes apontam para uma articulação multidimensional entre ecologia, educação, política, cultura, economia, ética e tecnologia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Trilhas interpretativas. Ética ambiental. Confessionalidade.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Mestre. Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. cristianeg\_moraes@yahoo.com.br

<sup>2</sup> Doutora. Curso de Ciências Biológicas do Centro Universitário de Anápolis - UniEVANGÉLICA. josana.peixoto@unievangelica.edu.br

Durante o processo de constituição da universidade brasileira na primeira metade do século XX, as instituições educacionais confessionais influenciaram e tiveram papel relevante na própria concepção do que veio a ser a universidade brasileira. Em meio ao surgimento das primeiras universidades públicas, vieram, também, as universidades confessionais (TAVARES, 2009).

As instituições religiosas, como a Igreja Católica e outras originárias do movimento da reforma protestante ocorrida na Europa no século XVIII, fizeram-se presentes no processo educacional brasileiro desde a colonização e sua influência se estendeu por toda a evolução educacional aqui ocorrida, culminando com o surgimento e desenvolvimento de cursos superiores e a posterior constituição da universidade brasileira (BARROS, 2006).

As universidades confessionais nasceram da ação mais que centenária de instituições educacionais com práticas sociais originárias de sua vocação religiosa. Acompanharam a história da educação no Brasil desde a colonização, constituindo-se suas entidades mantenedoras em agentes para o crescimento e desenvolvimento do País nesse campo. Sua entrada no ensino superior, com a abertura de cursos, transformação em faculdades e a criação de universidades, de forma mais intensa no sul e sudeste do País, foi um movimento gradual, processual e que foi respondido favoravelmente com o apoio da sociedade nas diversas regiões onde se faziam presentes (BONVENTTI, 2008).

A dimensão confessional de sua identidade foi se materializando em projetos, ações e numa forma de atuação que encontrava no compromisso social um elemento de concretização de seus ideais de justiça, inclusão e cidadania. Diante desse compromisso vocacional, foi natural a aproximação com os mais necessitados. Estes passaram a procurar os serviços educacionais prestados por tais instituições e também seus projetos sociais, realizados pela extensão e pelas áreas de interseção entre a formação acadêmica e a prestação de serviços, como as clínicas, ambulatórios e até hospitais (BARROS, 2006; TAVARES, 2009).

Nesse jeito de ser e agir constituiu-se um compromisso comunitário, que não se visualiza aqui ou ali, mas que aparece como carisma de sua atuação e elemento diferencial inequívoco de sua identidade. Da mesma forma, é uma

opção historicamente construída que não se harmoniza com os novos paradigmas das instituições com fins lucrativos, emergentes no modelo de expansão do ensino superior proveniente das reformas da década de 1990.

O entendimento sobre confessionalidade é referente às atitudes que pessoas assumem em relação ao transcendente. É a atitude de resposta do homem que professa sua fé. O ser humano, por razões de fé, se orienta e professa sua crença apoiado em dogmas e doutrinas religiosas. As escolas confessionais exerceram historicamente uma grande influência na educação brasileira.

As instituições confessionais tiveram atuação histórica na educação brasileira desde a colonização até a criação da universidade brasileira. As universidades confessionais nasceram da ação mais que centenária de instituições educacionais com práticas sociais originárias de sua vocação religiosa. A dimensão confessional de sua identidade foi se materializando em projetos, ações e numa forma de atuação que encontrava no compromisso social um elemento de concretização de seus ideais de justiça, inclusão e cidadania (TAVARES, 2009).

Nesta perspectiva, entender a missão da universidade confessional é de suma importância e permite que temáticas voltadas à mordomia cristã e ambiental sejam compreendidas numa ótica de confessionalidade e desenvolvidas na UniEVANGÉLICA, visto que a re(ligação) do homem com a criação e com o próprio Criador deve ser discutida, contribuindo para a reflexão sobre a formação de uma nova consciência ecológica no âmbito da universidade, da comunidade local, regional e mundial. O objetivo deste relato foi descrever as práticas desenvolvidas de Educação ambiental formal e não-formal na Trilha Ecológica Interpretativa do Tucano (TEIT) da UniEVANGÉLICA, Anápolis, estado de Goiás tendo como elemento norteador as conceituações e aplicações de mordomia cristã ambiental.

## **RELATO DE EXPERIÊNCIA**

O Centro Universitário de Anápolis- UniEVANGÉLICA possui uma Unidade Experimental no qual a Área de Preservação Permanente (APP) possui uma área de 30 hectares. É nesta APP que são desenvolvidas as

diversas atividades relacionadas à sensibilização e educação ambiental na Trilha Ecológica Interpretativa do Tucano (TEIT).

No ano de 2018 foram atendidos 402 indivíduos de diferentes instituições escolares do município de Anápolis e região para completarem o percurso da referida TEIT. O trajeto é constituído por estações temáticas, nas quais os participantes são levados a refletir sobre a relação ser humano/natureza a partir de uma abordagem socioambiental transdisciplinar e o elemento de mordomia cristã ambiental, tendo como princípio a re(ligação) do homem com a criação e com o próprio Criador contribuindo para a reflexão sobre a formação de uma nova consciência ecológica dos frequentadores deste espaço de aprendizagem- TEIT.

Os pressupostos teóricos consultados para construção das propostas metodológicas a serem utilizadas a cada grupo frequentador foram Piaget, Vygotsky e Leff.

A proposição de um quadro teórico-metodológico buscou alinhar a finalidade da Trilha Ecológica Interpretativa do Tucano com o público participante (Ciclos de vida), seja para educação formal (níveis, etapas e modalidades de ensino) ou educação não-formal, partindo de pressupostos teóricos (Piaget, Vygotsky, Leff) para definição e produção de metodologias adequadas (Quadros 1 e 2).

**Quadro 1** – Fundamentos para roteiros metodológicos utilizados na Trilha Ecológica Interpretativa do Tucano, UniEVANGÉLICA, Anápolis, Goiás.

<b>Ciclos de vida</b>	<b>Níveis, Etapas e Modalidades de Ensino<sup>3</sup></b>	<b>Pressupostos teóricos</b>	<b>Metodologia</b>	<b>LEFF</b> Autor que pensa a educação ambiental com imbricações com questões
<b>Infância</b> 03 a 09 anos	<b>Nível</b> Educação Básica <b>Etapas</b> Educação Infantil Ensino Fundamental	<b>Piaget</b>	Período pré-operacional (2-7 anos) Período das operações concretas (7-11, 12 anos)	
		<b>Vygotsky</b>	Função da Brincadeira no desenvolvimento infantil (visão Vygotskyana) (REGO, 1995, p.80) O termo “brinquedo” como ato de brincar (REGO, 1995, p.80)	
<b>Adolescência</b> 10 a 19 anos	<b>Nível</b> Educação Básica <b>Etapas</b> Ensino Fundamental	<b>Piaget</b>	Período das operações concretas (7-11, 12 anos) Período das operações formais (12 anos em diante).	
		<b>Vygotsky</b>	Um se refere às conquistas já efetivadas, que ele chama de nível de	

<sup>3</sup>Informações retiradas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996).

	Ensino Médio		desenvolvimento real ou efetivo, e o outro, o nível de desenvolvimento potencial, que se relaciona às capacidades em vias de serem construídas [...] (REGO, 1995, p.72).
<b>Adulto</b> 20 a 59 anos	<b>Nível</b> Educação Superior <b>Modalidade</b> Educação de Jovens e Adultos (Ensino Fundamental ou Médio) Educação profissional ou técnica Educação especial Educação a distância (EAD)	<b>Vygotsky</b>	Um se refere às conquistas já efetivadas, que ele chama de nível de desenvolvimento real ou efetivo, e o outro, o nível de desenvolvimento potencial, que se relaciona às capacidades em vias de serem construídas [...] (REGO, 1995, p.72).
<b>Idoso</b> Acima de 60	Universidade da Terceira Idade	<b>Vygotsky</b>	Considera o desenvolvimento da complexidade da estrutura humana como um processo de apropriação pelo homem da experiência histórica e social (REGO, 1995, p.93).

Fonte: Os autores (2018).

**Quadro 2.** Roteiro Metodológico da Trilha Ecológica Interpretativa do Tucano, UniEVANGÉLICA, Anápolis, Goiás.

<b>PONTOS PRINCIPAIS DA TRILHA</b>	<b>TEMAS ABORDADOS</b>	<b>Infância</b> 03 a 09 anos	<b>Adolescência</b> 10 a 19 anos	<b>Adulto</b> 20 a 59 anos	<b>Idoso</b> Acima de 60
1. APRESENTAÇÃO DA UNIDADE EXPERIMENTAL	Trilha enquanto atividade extensionista - Orientações gerais sobre a trilha - Áreas (Trilha Ecológica Interpretativa, Área Experimental da Agronomia, Serpentário) - Número médio de visitantes - Breve histórico da área - Previsões futuras (Borboletário, Museu Natural, Orquidário, Área de pesquisa das Ciências Biológicas, Horto Medicinal, Quiosque com venda de produtos relacionados à Educação Ambiental)	<b>Conteúdo</b> Breve Histórico da Área Apresentação da Metodologia  <b>Metodologia</b> História de vida a partir do cotidiano atual  Música e História <sup>4</sup> de cunho ambiental  Experiências sensoriais com os cinco sentidos	<b>Conteúdo</b> Breve Histórico da Área Apresentação da Metodologia  <b>Metodologia</b> História de vida a partir do cotidiano atual  Experiência relacionada a jogos (competição)  Música e História de cunho ambiental  Notícias atuais Locais e Globais sobre meio ambiente	<b>Conteúdo</b> Breve Histórico da Área Apresentação da Metodologia  <b>Metodologia</b> História de vida a partir do cotidiano atual  Experiência relacionada a jogos (competição)  Notícias atuais Locais e Globais sobre meio ambiente	<b>Conteúdo</b> Breve Histórico da Área Apresentação da Metodologia  <b>Metodologia</b> História de vida acumulada e experienciada  Experiência relacionada a jogos (competição)  Música e História de cunho ambiental  Notícias atuais Locais e Globais sobre meio ambiente
2. ANFITEATRO NATURAL I	- Atividade introdutória - Dinâmica de grupo	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>Definição</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: Contação de história de cunho ambiental  Iniciar música para demarcar o tempo em cada estação. Canta-se a música ao longo do trajeto e cessa ao parar na próxima estação.	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>Definição</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: “O que a Trilha Ecológica me diz?” e “O que eu digo a Trilha Ecológica?”  A partir da discussão de notícias atuais Locais e Globais e da experiência que cada um tem com o meio	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>Definição</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: “O que a Trilha Ecológica me diz?” e “O que eu digo a Trilha Ecológica?”  A partir da discussão de notícias atuais Locais e Globais e da experiência que cada um tem com o meio	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>Definição</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: “O que a Trilha Ecológica me diz?” e “O que eu digo a Trilha Ecológica?”  A partir da discussão de notícias atuais Locais e Globais e da experiência que cada um tem com o meio

<sup>4</sup> Sugestão de livros de história infantil: VALDEZ, D. Deu Queimada no Cerrado. Goiânia: Canône, 2011 / VALDEZ, D. Os Três Porquinhos Caititus e o Lobo-Guará. Curitiba: Base Editora, 2011 /

			ambiente vivenciada atualmente	ambiente vivenciada atualmente	ambiente acumulada da historicamente
3. ESPAÇO DOS SAGUIS	- Relação animais/população e efeitos nocivos para a saúde do animal (interferência sobre o modo de vida e alimentação – aquisição de problemas como colesterol alto, diabetes entre outros)	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>princípios/objetivos</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: Contação de história de cunho ambiental  Dando continuidade a proposta musical canta-se a música ao longo do trajeto e cessa ao parar na próxima estação.	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>princípios/objetivos</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: “O que a Trilha Ecológica me diz?” e “O que eu digo a Trilha Ecológica?”  A partir da discussão de notícias atuais Locais e Globais e da experiência que cada um tem com o meio ambiente <b>vivenciada atualmente</b>	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>princípios/objetivos</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: “O que a Trilha Ecológica me diz?” e “O que eu digo a Trilha Ecológica?”  A partir da discussão de notícias atuais Locais e Globais e da experiência que cada um tem com o meio ambiente <b>vivenciada atualmente</b>	<b>Conteúdo</b> Abordagem sobre <b>princípios/objetivos</b> da Educação Ambiental (PNEA/1999)  <b>Metodologia</b> Dinâmica: “O que a Trilha Ecológica me diz?” e “O que eu digo a Trilha Ecológica?”  A partir da discussão de notícias atuais Locais e Globais e da experiência que cada um tem com o meio ambiente <b>acumulada historicamente</b>
4. CLASSIFICAÇÃO DESTA ÁREA COMO UMA ÁREA DE PRESERVAÇÃO PERMANENTE (APP)	- Abordar legislação ambiental sobre as APPs (Destaque para exemplos goianos e municipais)				
5. FORMAÇÃO FLORESTAL CARACTERÍSTICA DA ÁREA: CERRADÃO	- Observação de características destacadas ao longo do trajeto				
6. SURGIMENTO DE “CAMINHOS” NO SOLO E RAÍZES EXPOSTAS	- Relação com problemas consequentes do aumento populacional e das cidades				
7. ÁRVORES EM DECOMPOSIÇÃO	- O processo de recomposição do solo (métodos naturais e artificiais)				
8. MATA SECA – SEMIDECÍDUA	- Explicação sobre os recursos naturais das espécies e sobre mudanças climáticas				
9. MARCAÇÕES COM CORDÃO EM ALGUNS LOCAIS AO LONGO DA TRILHA – PESQUISA DE ALUNOS	Apresentar algumas pesquisas realizadas na instituição que utilizam a trilha como local de estudo/aplicação o prática				
10. LIANAS –	- O Efeito borda				

“ACERVO DOS CIPÓS”	como um reflexo negativo das ações humanas sobre a natureza				
11. IDADE DAS PLANTAS (ANGICO)	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Método de medição da idade das plantas</li> <li>- Relações plantas/ser humano</li> <li>- Os bioindicadores da qualidade do ar – a presença/ausência de líquens nas árvores</li> </ul>				
12. FORMICÁRIO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Relação entre espécies animais distintas</li> <li>- Relação entre animais e seres humanos</li> <li>- Relação entre Animais e espécies vegetais</li> </ul>				
13. BORBOLETÁRIO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Presença e ausência de Borboletas: razões biológicas e razões sociais</li> </ul>				
14. A IMPORTÂNCIA DA ÁGUA	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atenção para o aumento da biodiversidade em áreas próximas à presença de água</li> <li>- Atenção para a mudança na temperatura (entre as áreas externa e a interna da trilha)</li> <li>- Realização de atividades lúdicas de sensibilização sensorial: Fechar os olhos para ouvir o som da “natureza” e da “cidade”; Tocar na água, nas espécies.</li> </ul>				



<p>15. ANFITEATRO NATURAL</p>	<p>- Conclusão da experiência com atividade direcionada:                  . Aplicação de questionários                  . Breve roda de conversa (quando o público for pequeno)</p>				
<p>16. SERPENTÁRIO</p>	<p>- Importância da preservação das espécies                  Fim da experiência com distribuição de folder sobre a trilha</p>				

A partir da observação participante e ativa, bem como rodas de conversas com escolares e participantes em atividades de sensibilização e educação ambiental (Figura 1), no campo empírico, acompanhamos os indivíduos e grupos que frequentaram a Trilha Ecológica no anos de 2018, observando as múltiplas formas pelas quais estes associam a ecologia à religiosidade (MERLEAU-PONTY, 2007) o conhecimento à experiência corporal, o *self* ao ambiente, o interno ao externo e a mente ao corpo utilizando como elemento guia, a mordomia ambiental.



**Figura1:** Escolares em visita à TEIT na UniEVANGÉLICA, Anápolis, estado de Goiás, 2018.

### DISCUSSÃO

Ressalta-se que todo o trajeto da TEIT com as estações temáticas foram implantadas levando em consideração que a aprendizagem, no que se refere à educação ambiental, tem como elemento norteador a Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999). Em relação à educação formal, destaca-se a perspectiva da educação básica, que abarca a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio (Brasil, 1999) em suas diretrizes curriculares, enquanto a formação de profissionais no nível da Educação Superior vem sendo balizada por alguns requisitos legais propostos em manual de avaliação para os cursos de Graduação no Brasil (Brasil, INEP, 2016). A educação não-formal, por sua vez, compreende a comunidade em geral.

A legislação brasileira que subsidia as práticas voltadas para educação ambiental trata da Política Nacional de Educação Ambiental sancionada pela Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, que “dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências” (Brasil, 1999). Neste documento, ainda cabe destacar a definição de educação ambiental, que remete tanto a aspectos do indivíduo, quanto da coletividade, na construção de valores sociais que contribuam para a conservação do meio ambiente e a sustentabilidade, mencionando qualidade de vida e bem de uso comum do povo (Brasil, 1999, art.1º).

No respaldo desta legislação, a trilha ecológica aqui citada foi inaugurada em maio de 2016, e tem como característica a abordagem interpretativa. Considera-se importante também destacar que se alinha com a finalidade institucional prevista na Política de Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental do Centro Universitário de Anápolis que

[...] visa consolidar a instituição como promotora da ética e da cidadania ambiental, por meio de iniciativas com intervenções na sociedade, dentro e fora do ambiente acadêmico, ampliando as ações de cidadania dos educadores e educandos por meio de ferramentas e princípios da sustentabilidade ambiental” (CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS, 2017, p.1).

Para Lima (1998), trilhas interpretativas caracterizam-se por um percurso curto em que o visitante mantém contato direto com o ambiente, possibilitando uma maior compreensão sobre a relação entre os indivíduos e o meio em que eles vivem. Deste modo, o objetivo de uma trilha é realizar atividades que promovam a sensibilização dos participantes em relação a questões ambientais, levando-os a refletir sobre hábitos e valores societários.

O trajeto, constituído por estações temáticas, nas quais os participantes são levados a refletir sobre a relação ser humano/natureza a partir de uma abordagem socioambiental transdisciplinar e por meio da mordomia cristã ambiental fez com que os participantes tivessem uma vivência que passa inicialmente pela percepção ambiental, que segundo Whyte (1978), tem como foco a

transformação ou a compreensão do meio ambiente pelo ser humano em um sentido mais amplo do que a dimensão sensorial individual possibilitada, por exemplo, pela visão ou a audição. A percepção ambiental é desenvolvida com base nos fundamentos teórico-metodológicos da educação ambiental, e a imersão dentro deste processo visa provocar ou ao menos instigar, de forma lúdica, o pensamento crítico sobre a relação homem/ ambiente.

A percepção é de que a trilha interpretativa e as vivências na natureza são como exemplos de atividades formativas e informativas, que provocam novos processos de adaptação e assimilação relativos ao desenvolvimento de nossas experiências e de um conhecimento estruturado em relação ao meio ambiente, através de reações ativas, respostas criativas, reorganização e associação (união) com outros significados, tornando a percepção e interpretação ambientais mais complexas ao propiciarem o restabelecimento de um estado de receptividade completa a partir da experiência direta (DUBOS, 1974).

Assim, o entendimento do conceito de mordomia ambiental gera uma proximidade da ecologia à religião que é um fenômeno constatado em diferentes contextos de pesquisa social. Observou-se que este deslocamento do corpo para a paisagem se expressa em muitos momentos empíricos e em relatos que apontam para a experiência de comunhão entre o corpo humano dos participantes das atividades e o corpo do mundo, entre o humano consciente e o mundo sensível, retratados de forma exemplar na paisagem da Trilha em estações fixas que compreendem vários espaços de contemplação à natureza (Figura 2).



**Figura 2:** Espaço de contemplação na TEIT- local de explicação da re(ligação) do homem com a criação e com o próprio Criador

### CONCLUSÃO

Os frequentadores da TEIL percebem a paisagem como parte constitutiva das suas vivências e, até mesmo mitos e a condição para a (re) lembrança dos seus costumes e encontram nas estações temáticas o cenário em que é possível posicionar-se como atores, deixando-se ser “afetados pela influência poética de certas qualidades das cenas que têm o poder de agir nos estados íntimos das pessoas (*of being or mind*), e tornar a vida ‘saudável e feliz’ na cidade”, conforme estudado por MUNN( 2006).

Esta mesma virtualidade e agência da paisagem observou-se no processo de educação ambiental nas experiências que foram acompanhadas que demonstrar, a Área de Preservação Permanente, pela sua topografia cênica, constitui-se numa paisagem privilegiada onde uma determinada cultura ecológica vem sendo disseminada pelos cursos e oficinas de educação ambiental realizadas por profissionais da UNIEVANGÉLICA, assim como pelas atividades formais de receber os alunos de das diversas graduação que são realizadas no local por meio de visitas guiadas. A consolidação e reprodução de um *habitus* ecológico, finalidades explícitas da educação ambiental, são potencializadas pela imersão dos participantes dos cursos e oficinas e pelos visitantes na paisagem local.

É esta condição de paisagem ecológica restaurada que imprime na TEIT uma força capaz de afetar a intimidade dos sujeitos que o procuram como lugar de conversão ou confirmação de convicções compartilhadas por certo ideário do movimento ambiental. Estar no percurso da Trilha proporciona uma experiência de comunhão com uma paisagem local e remete os sujeitos a uma dimensão global e planetária. Os marcadores físicos presentes na paisagem e os sentidos reiterados nas narrativas dos educadores ambientais um lugar privilegiado de corporeificação de uma certa cultura ecológica. Cultura esta que abarca valores, sentimentos, visões de mundo e experiências pessoais e coletivas em que os sentidos da ecologia podem imbricar com os sentidos da espiritualidade e da saúde, reforçando a re(ligação) do homem com a criação e com o próprio Criador.

As possibilidades de, a partir destas práticas, construir novos valores que sejam capazes de recriar as relações sociais em novas bases, desenvolvendo o estímulo à sensibilidade e às vivências emocionais, a abertura à alteridade, a diversidade e a valorização de outros saberes complementares ao saber científico, uma vez que estes apontam para uma articulação multidimensional entre ecologia, educação, política, cultura, economia, ética e tecnologia.

### REFERÊNCIAS

BARROS, Davi Ferreira; GUIMARÃES, Luciano Sathler Rosa. Governança e Rede Metodista de Educação. Revista do COGEIME. São Paulo, v. 15, n. 28, p. 9-27, jun. 2006.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999. Institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999.

BONVENTTI, Rodolfo C. Força e transparência. Revista Ensino Superior. São Paulo: Segmento, v. 10, n. 118, julho 2008.

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE ANÁPOLIS. Resolução CAS nº.64, de 19 de setembro de 2017. Dispõe sobre a Política de Desenvolvimento Sustentável e Educação Ambiental do Centro Universitário de Anápolis. 2017.

DUBOS, R. Um Animal Tão Humano. São Paulo: Melhoramentos/EDUSP, 1974.

LIMA, G. F. C. A diferenciação do campo da EA no Brasil: concepções, identidades e disputas. In: TORRES, M. B. R.; RIBEIRO, M. F. R.; LEANDRO, A. L. A. L.; CAMACHO, R. G. V. (Orgs.). Teorias e práticas em Educação Ambiental. Mossoró: UERN, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O visível e o invisível. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MUNN, Nancy. Excluded Spaces: The figure in the Australian Aboriginal Landscape. In: SETHA; LOW; LAWRENCE-ZÚÑIGA, D. The anthropology of space and place. Oxford, 2006, p. 96-109.

TAVARES, S.M.N. Governança em universidades confessionais no Brasil: modelo em construção. EDUCAÇÃO & LINGUAGEM • V. 12 • N. 19 • 219-238, JAN.-JUN. 2009.

WHYTE, A. V. T. La perception de l'environnement: lignes directrices méthodologiques pour le s'études sur le terrain. UNESCO, Paris, França, 1978, 134p.